

SOBRE O ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Wilson Edson Jorge

O ensino de projeto de arquitetura é sempre uma questão complexa e não de fácil trato, mas acaba por condicionar a formação dos estudantes, constituindo-se em uma das questões críticas do ensino da graduação da FAUUSP.

O presente artigo pretende retomar esse tema na pós-graduação, que se apresenta de forma bastante diferente daquele da graduação. Os objetivos, mais do que discutidos e sabidamente reiterados da pós da FAUUSP, um curso *strictu sensu*, são: o ensino e a pesquisa, significando que o aluno que nela se gradua deve estar preparado para ser um professor e um pesquisador. Não basta ter feito uma boa pesquisa em seu mestrado ou doutorado, mas estar preparado para fazer qualquer outra pesquisa surgida em seu trajeto acadêmico. Da mesma maneira, deve estar em condições de contribuir efetivamente para o ensino em seus aspectos mais amplos: organizando cursos, ministrando disciplinas, etc. isto é, deve terminar a pós sabendo ensinar.

É, portanto, na perspectiva desses objetivos precípuos da pós que deve ser entendido o significado do ensino de projeto. A graduação tem de oferecer ao aluno condições para ele aprender a projetar, e sua aprovação no final do curso, quando se gradua, significa, perante a sociedade, que se encontra habilitado para exercer aquela atividade. Na pós, por sua vez, não se pretende ensinar o aluno a projetar. Se bem que, reconhecidamente, o ato de projetar requeira uma prática permanente para seu aperfeiçoamento, esse não é o objetivo a ser pretendido na pós, devendo o ato de projetar ser considerado apenas um meio ou um instrumento voltado para as metas principais citadas acima. O curso adequado para aperfeiçoamentos da capacidade de projetar seria aquele ligado a um curso de especialização, ou seja, uma pós-graduação *lato sensu*.

O projetar somente ganha sentido na pós, se ele está voltado objetivamente, para enriquecer as questões ligadas à pesquisa e ao ensino. É nessa direção que pretendemos desenvolver nossa argumentação.

Seminário – Pós-Graduação e Projeto de Arquitetura

Em outubro de 2000 foi realizado, na Pós-Graduação da FAU, um seminário sobre o projeto de arquitetura na pós-graduação. O seminário propôs questões amplas sobre o tema, principalmente o que é pós-graduação em

projeto de arquitetura. Dentre os expositores, esteve presente o arquiteto Prof. Dr. Pedro George, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, de Lisboa, que apresentou, em sua fala, as seguintes observações sobre o projeto: este não pode ser considerado investigação em si, mas pode ser o veículo para uma investigação que, por sua vez, exige reflexão crítica baseada em método científico; o projeto poderia se constituir em uma tese, enquanto meio de testar ou reafirmar teorias vigentes; o tempo da síntese da investigação científica é diferente do tempo da síntese do projeto; a investigação científica exige o conhecimento do “estado da arte”, enquanto o projeto de arquitetura não.

O professor Pedro George salienta a diferença entre um projeto e uma investigação científica, a qual se resumiria em: para um projeto ser considerado tese ou dissertação, ele precisa atender às condições que a academia estabelece para reconhecer uma tese ou dissertação. Por outro lado, se, na abrangência colocada para a elaboração de uma dissertação ou tese é necessária uma montagem especial em torno do projeto, o que não dizer de uma disciplina de projeto que se constitui em um dos segmentos da trajetória do aluno?

Aproveitando essas considerações e retomando a linha de raciocínio anterior, dos objetivos da pós, vinculados à pesquisa e ao ensino, como se estender a uma disciplina de projeto de arquitetura o contexto da pesquisa e ensino? Qual a questão, no ato de projetar, que possui relevância suficiente a fim de ser formulado, para aquela atividade, um caminho didático em uma disciplina ou em uma pesquisa?

A nosso ver, essa é a questão do método.

A questão do método é o elemento crítico na didática do projetar, na pós. O projetar seria, então, um meio pelo qual se possa pesquisar, racionalizar ou extrair o método. As grandes escolas de arquitetura sempre explicitaram seu método de ensino em relação ao projeto. Os professores (profissionais, inclusive) os quais participavam dessas escolas, trabalhavam com esse método, o que dava coerência aos trabalhos da escola e permitia aos alunos entenderem o caminho a eles oferecido e pelo qual trilhavam nesse aprendizado. Na tentativa de explorar o assunto, de forma a torná-lo mais compreensível, seria importante esclarecer o que se entende por método. Nesse sentido, vamos abordar o tema, tendo em vista duas perspectivas: como compreendê-lo e como avaliá-lo, consideradas a seguir.

Como compreender o método

1. A primeira questão que condiciona o método no processo do projeto está no fato de ele envolver um processo criativo no qual participam, mentalmente, a intuição e a racionalidade, a arte e a técnica. É preciso aí entender o papel da arte, isto é, intuição, sensibilidade e criatividade, processos

e qualidades, às vezes, entendidos como talento. Essas qualidades são importantes, mas não dominantes para o ato de projetar. É necessário explorá-las e não simplesmente aceitá-las como inatas no aluno. Devem ser desenvolvidas por processos didáticos. Assim, um ponto crítico na explicitação do método está na inserção no processo de projetar, tratado desde atividades racionais até etapas indicando onde e como se insere a capacidade criativa, imaginativa e intuitiva, que não se reduzem, estritamente, ao racional. A invenção ou criação está presente em todas as etapas de desenvolvimento do projeto, mas ela é decisiva e crítica em poucas etapas.

2. A segunda questão, decorrente do processo criativo envolvido no processo de produção do projeto, é que este termina por ser um produto caracteristicamente artesanal, isto é, ele não pode ser reduzido a processos mecânicos ou repetitivos. O processo criativo torna o projeto irreduzível a padronizações sumárias. A questão do método precisa ser visto, nesse contexto, como um elemento para racionalizar o processo criativo, nunca para substituí-lo. Um método adequado garante melhor qualidade ao projeto, mas por si só não pode garantir que dele resulte um bom projeto.

3. A terceira questão, mais uma característica do processo de projetar, é que existe mais de um método para efetivar tal processo, aliás, existem muitos. Nesse sentido, o aluno, o arquiteto, tendo desenvolvido seus estudos e aprendizado escolar sob determinado método, ele iria adaptá-lo, aperfeiçoá-lo no decorrer de sua experiência profissional. Nem por isso deveria ser considerado como um instrumental absolutamente pessoal, pois, por absurdo, não haveria necessidade de escolas, ou então, o processo de projetar seria um contínuo *happening* de acertos e erros. Afirmamos que o ensino da arquitetura tem de organizar-se incorporando as propostas claras de método, no processo de projetar, que se pretenda desenvolver com os alunos; mesmo que esse ensino ofereça alternativas de como projetar, elas devem ser suficientemente explícitas para sua escolha e avaliação.

4. A quarta questão seria a especificidade do método – ele é condicionado pelo momento histórico e a sociedade em que ocorre o processo de projetar e seu ensino. A compreensão do significado da arquitetura, as técnicas existentes, o contexto mais específico no qual se situa a obra a ser concebida e edificada, as experiências históricas, são importantes na compreensão dos métodos de projetar das diversas épocas e escolas. Isso significa a necessidade de contextualizar o método.

5. A quinta questão abordaria o objeto sobre o qual o arquiteto intervém. Esse objeto, por sua magnitude, escala, ou complexidade diferenciada, exigiria métodos diferenciados? Aqui estamos em um terreno bastante polêmico. Ele se agudiza ao se considerar a escala da cidade ou, em um sentido mais amplo, o urbano. Compreendendo este como uma entidade complexa por cuja produção

toda a sociedade responde, considero importante que a abordagem de uma ação ampla sobre a estrutura urbana tenha, necessariamente, um componente político a extrapolar o tratamento específico de um método de produção de projeto. Assim, o cenário de compreensão e ação sobre aquela realidade urbana passa por um processo anterior à visão arquitetônica, ou seja, de criação de espaços para a coletividade. Haveria, portanto, uma estágio da ação mais ampla, inclusive envolvendo variáveis políticas, a partir do qual seria possível assentar as bases para a entrada do projeto arquitetônico, com seu controle sobre as variáveis mais específicas com as quais trabalha. Nessa linha de raciocínio, o método no processo do projeto deve ser estudado até mesmo com seus limites, que precisam ser bem delimitados.

Essa complexidade envolvendo a questão do método, evidenciada nas questões acima, é um motivo a mais para que ele seja tratado e investigado como um instrumento indispensável ao arquiteto, justificando pesquisas específicas e reflexões contínuas. A pós-graduação é o lugar adequado para esse investimento, principalmente das disciplinas voltadas para o projeto de arquitetura.

Como avaliar o método

O método não é, evidentemente, a condição para se garantir a qualidade de um projeto, mas é um dos elementos a favorecerem aquela qualidade. Tão importante quanto entender e organizar um método de projetar, seria sua avaliação. Se o método deve ser explicitado, discutido, criticado, como avaliar sua efetividade? Um critério importante seria avaliá-lo pela **qualidade dos resultados obtidos**, não só no projeto enquanto mensagem codificada do futuro produto edificado, mas enquanto produto obtido por ele, a obra construída.

Essa qualidade deve incorporar, em sua avaliação, o uso do espaço construído. Na perspectiva que estamos desenvolvendo neste artigo, em termos de uma disciplina da pós-graduação, a avaliação poderia ser, inicialmente, estrita apenas ao projeto arquitetônico, no âmbito em que for adequado ao desenvolvimento da disciplina: estudo básico, anteprojeto, projeto básico ou, se a disciplina se propor seqüencial, as etapas de desenvolvimento do projeto se sucederiam na continuação da disciplina.

Outra perspectiva seria **avaliar um projeto concluído e construído**, as condições nas quais foi realizado, o resultado no uso do espaço, etc. Uma outra perspectiva vinculada à proposta anterior seria avaliá-lo **pelo próprio testemunho de seu(s) autor(es)**.

Nossa expectativa, na linha do exposto no presente artigo, é que os professores das disciplinas de projeto de arquitetura disponham-se a debater o assunto tratado com seus alunos e a responder às questões aqui colocadas.

Notas

No Seminário sobre ensino de projeto de arquitetura na pós-graduação, lembrado no artigo, participaram vários professores de conhecida competência, com posições ricas e até antagônicas sobre o tema aqui apresentado. Uma reflexão mais ampla sobre o tema deverá considerar o material disponível do seminário.

Uma pesquisa importante para o tema aqui abordado foi desenvolvida, como tese de doutorado, pela arquiteta Paula Katakura, orientanda do professor Joaquim Guedes, na pós da FAUUSP. O trabalho se intitula “O ensino do projeto de arquitetura”, defendido em 5/9/03. O capítulo 2 da tese trata especificamente de modelos e métodos de ensino da arquitetura com seus paradigmas, vistos em uma perspectiva histórica. Nesse capítulo, a autora traça uma síntese dos trabalhos de Christofer Alexander, e dos esforços do mesmo para, em sua proposta de método de projetar, ampliar a racionalidade no processo de projetar. Apesar da própria crítica de Alexander, posteriormente a seu método, foi um passo importante para as reflexões sobre o processo do projeto. E por aí vão as diversas propostas as quais vão contribuindo, historicamente, para o mesmo.

Wilson Edson Jorge

Professor titular do Departamento de Projeto, professor e orientador no curso de Pós-Graduação e presidente da Comissão de Pós-Graduação da FAUUSP.